

# Eficiência e dedicação para urbanizar o planalto

Arquivo Público



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Foi nas rodas de bate-papo com os amigos, na pequena Ibiá, no sul de Minas — onde nasceu —, que Roosevelt Nader ouviu falar, pela primeira vez, sobre a possível mudança da capital para o interior do país.

Desde os primeiros anos de vida, o mineiro já dominava os ofícios da fazenda, de propriedade do pai. A administração da pequena indústria de beneficiamento de cereais também era de sua responsabilidade. As habilidades e técnicas agrícolas ele desempenhava com perfeição. Isso acabou servindo de incentivo para a busca de novos conhecimentos, anos depois, na Faculdade de Agronomia, no Rio de Janeiro.

Concluído o curso na Cidade Maravilhosa e já homem feito — casado e pai de três filhos pequenos —, ele voltou a Minas, onde morou por um bom tempo. Mas quando os filhos — Luiz Roberto, Júlia e Paulo Sérgio — atingiram idade escolar, Roosevelt chegou a pensar em voltar para o Rio, a fim de que pudessem ter uma educação de qualidade.

Antes disso, no entanto, o agrônomo resolveu dar um pulo no local onde estava sendo preparado o terreno para a construção da nova capital, a convite do amigo deputado Monteiro de Castro, que o apresentou à diretoria da

Novacap — naquela época chamada de *Velhacap*. O presidente, Íris Meimberg, e o engenheiro-agrônomo Joaquim Tavares, responsável pela política de abastecimento da futura capital, insistiram para que o mineiro ficasse em Brasília. Precavido, achou melhor consultar a esposa, Edite. “Primeiro vou conversar com ela para saber o que acha da idéia”, ponderou Roosevelt.

Como a mulher não tinha nenhuma afinidade com o Rio de Janeiro e os amigos de Ibiá, que moravam aqui, sempre falavam bem da cidade, não pensaram

duas vezes. A prudência de Roosevelt o trouxe a Brasília em meados de 1958 com a intenção de ficar apenas seis meses, “só por experiência”. Tempo suficiente para conseguir estabilidade e uma casa para a família, que havia ficado em Minas.

“Quando cheguei aqui confesso que fiquei meio descrente, mas depois, vendo a disposição e o entusiasmo dos trabalhadores, senti que o sonho da construção da nova capital poderia dar certo”, conta o morador que se adaptou bem ao local. “As amizades nasciam espontaneamente, cada um pres-

tava apoio aos que iam chegando. Havia um espírito de cordialidade e de muita tranquilidade”, lembra Roosevelt, que chegou a imaginar a cidade cheia de forasteiros.

Depois de se inscrever na Novacap, o engenheiro foi chamado para preencher o quadro de funcionários do Departamento de Terras e Agricultura — DTA, ao lado do colega Joaquim Tavares, então chefe do departamento. O pioneiro se desdobrava nas funções, ora cuidava da agricultura, ora estava aplicando as técnicas da engenharia rural ou ainda de mecanização.

**O PROJETO E A  
EXECUÇÃO DO BALÃO  
DO AEROPORTO LEVAM  
A ASSINATURA DE  
ROOSEVELT NADER**

Com o desmembramento do DTA, o agrônomo foi nomeado para chefiar o Departamento Geral de Agricultura, onde ficou durante três meses cuidando da defesa animal, vegetal, sanitária e agrícola da nova capital.

*Este mineiro de nascimento e carioca de criação se considera brasiliense de coração, e até mesmo os fatos tristes ocorridos na cidade são sentidos sem rancor ou revolta pelo pioneiro*

**AOS 84 ANOS,  
ROOSEVELT AINDA  
CURTE A CIDADE  
COM A FILHA E  
DOIS NETOS**



Os seis meses se passavam e a promessa dos diretores da Novacap de fornecer o material para a construção da casa do pioneiro findava. Até então, ele morava de favor com um casal de amigos de Ibiá, que residia na capital. Diante da diretoria ele foi enfático: “o prazo está terminando e se eu não arrumar uma casa e trazer a família, então...” então estava tudo desfeito. Em pouco tempo, com a autorização de Íris Meimberg na mão e de posse do material, ele iniciou as obras da residência, na Candangolândia.

“Era uma casa de bom tamanho, com quatro quartos, duas salas, cozinha, banheiro e dependências de empregada”, descreve. Apesar de ser toda em madeira — naquela época ainda não havia casas em alvenaria —, “ela foi feita no capricho”, garante Roosevelt, que no início de 1959 pôde matar a saudade da família, que trouxe para morar com ele.

### Urbanização

As obras de urbanização e ajardinamento desenvolvidas pelo pioneiro, durante a construção de Brasília, podem ser vistas em todos os cantos da cidade. O projeto e a execução do balão do aeroporto levam a sua assinatura. Bem como o ajardinamento da W3 Sul e das superquadras e a arborização do Eixo Rodoviário.

O profissionalismo do pioneiro também está presente no Centro Esportivo Presidente Médici — onde ele foi o responsável pela urbanização —, na ponte que liga o Plano Piloto ao Lago Sul — na altura do Gilberto Salomão —, na pavimentação da entrada do Guarã e no recapeamento do asfalto que leva às cidades-satélites

de Sobradinho e Planaltina.

A responsabilidade era ainda maior à medida que a inauguração de Brasília se aproximava. O engenheiro-agrônomo tinha que entregar as obras até o dia 21 de abril e cobranças não faltavam, principalmente vindas do “chefe maior”, Juscelino Kubitschek, que sempre vistoriava o andamento das obras.

“Juscelino vinha toda a semana e cobrava muito”, lembra Roosevelt. Segundo ele, a palavra de ordem do presidente era trabalho e dizia “da próxima vez que eu voltar aqui quero ver isso pronto”. A exigência tinha um motivo, entregar a Praça dos Três Poderes pronta a tempo da visita do presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, que estava prestes a chegar.

Para dar conta da empreitada

e não decepcionar o presidente — amigo de longa data, desde os tempos de campanha para o governo de Minas —, Roosevelt trabalhou até a madrugada do dia da visita. “Fui embora já quase de manhã debaixo de uma chuva grossa e acabei pegando uma pneumonia”, conta o engenheiro.

O trabalho puxado era compensado por bons momentos como o dia em que foi convidado a almoçar com o presidente no Palácio Alvorada. Ele estava a serviço no Palácio e Juscelino passou e lhe disse sem cerimônia e com toda sua simplicidade: “Senta aqui e vamos almoçar”. “JK era uma pessoa espetacular, exigente, mas também era trabalhador e estava sempre presente”, afirma Roosevelt. “Na minha opinião, de-

pois de Arthur Bernardes, ele foi o melhor presidente que o país já teve. Só Getúlio se aproximou do governo dele”, acrescenta.

O desbravador também ajudou na demarcação dos eixos e contribuiu para o processo de desapropriação de terras. Quando os proprietários se mostravam resistentes à desapropriação, era o mineiro que facilitava a negociação.

O reconhecimento dos primeiros moradores ao trabalho desempenhado por Roosevelt Nader o levou a ocupar a presidência da Novacap na década de 70 e outros importantes cargos no governo do Distrito Federal — por meio de um concurso —, entre eles o de coordenador das Administrações Regionais, chefe-de-gabinete e depois secretário da Agricultura, diretor do Departamento Florestal, coordenador de Recursos Naturais e secretário de Viação e Obras.

Para ele, que se considera “mineiro de nascimento, carioca de criação e brasiliense de coração”, a cidade de Brasília representa a sua afirmação profissional e o ápice de sua carreira. As lembranças tristes como as mortes da mãe, da esposa e dos dois filhos ocorridas aqui, ele tenta compreender, mas sem se deixar abater.

Aposentado, o pioneiro — aos 84 anos de idade —, em grande forma física, encontrou na academia de ginástica e na natação uma maneira de preservar a saúde e o porte atlético. O ex-presidente do Minas Brasília Tênis Clube é sempre procurado pela imprensa para dar a receita de como encarar de frente a terceira idade com saúde e disposição.

“**QUANDO  
CHEGUEI AQUI  
CONFESSEI QUE  
FIQUEI MEIO  
DESCRENTE, MAS  
DEPOIS, VENDO A  
DISPOSIÇÃO E O  
ENTUSIASMO DOS  
TRABALHADORES,  
SENTI QUE O  
SONHO DA  
CONSTRUÇÃO DA  
NOVA CAPITAL  
PODERIA DAR  
CERTO**”

## Raio X

**Nome:**  
Roosevelt Nader  
**Idade:**  
84 anos  
**Origem:**  
Ibiá, Minas Gerais  
**Ano de chegada a Brasília:**  
1958  
**Profissão:**  
Engenheiro-agrônomo  
**Esposa:**  
Edite Cury Nader  
(falecida)  
**Filhos:**  
Júlia, Luiz Roberto e Paulo Sérgio  
**Netos:**  
Cristiano e Maurício